

O dossiê temático, a entrevista e os ensaios

Fechamos o quarto volume, e o quarto ano de publicação, da *Aniki* com um dossiê temático que explora a noção de longa duração nos *media* audiovisuais através de um enfoque não apenas na duração das obras em si mesmas, ou no tempo necessário para a sua produção, mas questionando também em que medida as condições e espaços de receção determinam e estruturam práticas e modos de visionamento específicos, bem como as implicações estéticas, culturais e políticas mais vastas da longa duração. O dossiê foi editado por Tiago de Luca (Universidade de Warwick), que o apresenta na introdução “On Length: A Short History of Long Cinema”. Todos os textos do dossiê foram submetidos a um processo de avaliação cega por pares.

Como é habitual, a secção das “Entrevistas” dialoga com o mais recente dossiê temático da *Aniki*. Nesta edição, a nossa entrevista aborda o interessante caso do programa televisivo *Minnut for minutt* produzido pelo produtor Thomas Hellum para a rede pública de televisão norueguesa NRK. Trata-se de um programa que, afastando-se dos clichés do *slow cinema* ou *slow TV*, acompanha desde 2009 histórias do quotidiano, como uma viagem de comboio de sete horas de Oslo a Bergen ou as primeiras vinte quatro horas da abertura da época da pesca do salmão no país nórdico. E como refere Hellum na entrevista, que concedeu em exclusivo para este número da revista, a Claire Thomson, professora especialista em cinema escandinavo com sede em Londres, o mais importante não é salientar nestes programas a sua longa duração, mas acompanhar, como indica o nome do programa, todos os minutos ou a integralidade de uma viagem ou processo. Projeto ousado, sempre que possível transmitido em direto, em horário nobre, fomentando no público televisivo – formato para o qual os programas são pensados de raiz –, uma ideia de autenticidade e de acompanhamento de algo a par e passo.

A secção “Ensaio” recebe permanentemente submissões fora do tema do dossiê. Neste número, publicamos quatro textos que assinalam a nossa abertura quanto à diversidade de questões, autores e obras de arte, abordagens metodológicas e movimentos de aproximação crítica que, por seu lado, procuram espelhar a multiplicidade de leituras oferecidas pelas imagens em movimento. Iniciamos a leitura desta secção com um texto de Diogo Nóbrega, “De Kant a Jean-Luc Nancy: Apontamentos sobre a problemática do

sublime”, no qual o autor desenvolve uma ampla abordagem à estética do sublime procurando, numa primeira fase, uma possível genealogia filosófica do próprio conceito em Nancy percorrendo a linhagem Kant-Lyotard-Derrida e, de seguida, deslocando esta leitura para algumas obras de Pedro Costa. De seguida, Daniela Queiroz Campos apresenta-nos, em “Um saber montado: Georges Didi-Huberman a montar imagem e tempo”, o resultado dos encontros com Didi-Huberman e das meditações em torno da ideia central de montagem, uma prática que é analisada pela autora, mostrando como esta fora igualmente explorada por autores como Eisenstein, Benjamin e Warburg. Quanto a Horacio Muñoz Fernández, o autor analisa uma “Cierta tendencia (nostálgica) del slow cinema” procurando uma definição suficientemente abrangente para o *slow cinema* no enquadramento qualitativo de uma divisão levada a cabo entre rapidez e lentidão em obras de Tsai Ming-liang, Ben Rivers, Raya Martin e Sharon Lockhart. Fechamos a secção com a investigação de Carmen Guiralt Gomar dedicada ao tema “*The Trail of '98 (Clarence Brown, 1928) y la Fiebre del Oro de Klondike: el último gran road show del cine silente de Hollywood*” na qual a autora analisa as produções da MGM e o legado de um realizador menos conhecido da história do cinema através da apresentação de um filme igualmente ‘esquecido’.

As resenhas de livros e conferências

Nesta edição publicamos três resenhas. A secção abre com a resenha, por Vicente J. Benet, a *Cinéma et guerre civil espagnole. Du mythe à la mémoire*, de Vicente Sánchez-Biosca, publicado em França dez anos após a edição original em Espanha, a qual assinalou os 70 anos do início da Guerra Civil. Considerando a inovação da obra, Benet sustenta que esta penetrou num espaço – o das produções culturais dirigidas às massas – em que se moldou socialmente a memória do passado. Segundo o autor da resenha, Sánchez-Biosca não quis fazer um estudo exaustivo sobre a produção de propaganda cinematográfica franquista mas antes procurou revelar a continuidade e metamorfose de ideias, mentalidades, releituras que foram sendo adaptadas a novos contextos e sintomas que deram forma aos “mitos” relativos à guerra civil até à data da sua escrita e publicação. Na edição francesa, a obra inclui um prólogo contextualizar mas que, propõe Benet, seria talvez um epílogo eficiente embora sem fim à vista dado que a matéria que analisa continua viva no debate público em Espanha.

Igor Krstić integra a publicação de *Documenting Cityscapes: Urban Change in Contemporary Non-Fiction Film*, de Iván Villarrea Álvarez, no âmbito dos estudos fílmicos e, mais particularmente, na investigação sobre “cidade cinematográfica”. Krstić considera tratar-se de um bom exemplo da consolidação deste paradigma, que não só

acrescenta pontos de vista inovadores ao constituir-se como uma das poucas monografias que aborda especificamente não-ficção mas também relaciona, historicamente, desenvolvimento urbano e cinema um ao outro. A obra, capaz de comunicar ideias complexas com grande fluidez da escrita, merece uma apreciação positiva quanto à estrutura, argumentação, análise e contextualização histórica.

Por Dentro das Imagens – Obras de cinema. Ideias do cinema, de Sérgio Dias Branco, que reúne textos de crítica publicados na imprensa a outros relativos a apresentações públicas de filmes entre finais dos anos 90 do século XX e princípio do novo milénio, é recenseada por Luís Mendonça. Mendonça considera tratar-se de uma obra que reflete “sobre o que persiste de um olhar passado no presente”, cuja coesão é garantida pelo cuidado e fluidez da escrita, e que é exigente para o leitor, reconhecendo-o como par na criação de sentidos.

As exposições e festivais

A secção “Exposições e Festivais” conta, neste número, com três contribuições. Alexandro de Sousa e Silva escreve sobre o ciclo “Cinema e revolução: as independências de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, em filmes de luta e memória”. Organizado pela investigadora Lúcia Ramos Monteiro no Caixa Belas Artes de São Paulo em novembro de 2016, o ciclo apresentou diversos filmes, alguns dos quais raramente mostrados no Brasil, revelando uma história de circulações ainda pouco conhecidas entre este país, Angola, Moçambique e a Guiné. Alexandro de Sousa e Silva interroga-se nomeadamente sobre a questão da identidade cultural africano-brasileira. Vítor Zan, por seu lado, concentra-se sobre um outro ciclo importante, decorrido desta feita em março de 2017 durante a 39^o edição do Cinéma du réel (Paris) e dedicado ao cineasta brasileiro Andrea Tonacci. Falecido em 2016, Tonacci é um dos mais originais documentaristas brasileiros: tal como explica Zan, o seu trabalho aparece marcado pelas ideias de desordem e de descentralização antropológica, em particular no que diz respeito aos seus filmes dedicados aos povos ameríndios. Organizado por Patrícia Mourão e Gustavo Beck, o ciclo exibiu alguns filmes e vídeos muito raros, como a série *Struggle to be heard*. Finalmente, o texto de Marina Vinyes Albes passa em revista a exposição organizada por Dominique Païni no CaixaForum de Barcelona (e atualmente presente em Madrid), “Arte y Cine. 120 años de intercambio”. A autora discute detalhadamente o (muito pessoal) fio condutor da exposição, tendo o cuidado de a integrar num contexto crítico mais vasto, indissociável da reflexão que Païni tem vindo a desenvolver sobre a questão das relações entre cinema e arte.